

Abertura Eve Miller-Rose – 4 setembro2025

É uma alegria estar com vocês em Belo Horizonte para a terceira conversação **CIEN-CEREDA na América Latina sobre «As imagens que dão medo»**. Este tema situa-se num campo de investigação mais amplo que mobilizou os participantes das **redes do Campo freudiano sobre a Infância**, nos últimos dois anos: «Sonhos e fantasmas na criança».

A psicanálise opera com as palavras porque «o inconsciente só possui um corpo de palavras»¹. O inconsciente implica que o escutemos e que o leiamos com o apoio do discurso analítico.

Como vocês ouvirão nas apresentações de casos e de vinhetas, os praticantes orientados pela psicanálise estão atentos ao que se diz, se mostra, se decifra, ou permanece insondável.

Trata-se de colher as surpresas e de acolhê-las como sendo «o feito do inconsciente»². A partir deste acolhimento, o que vem a ser dito ou a se mostrar pode então, para a criança, constituir-se como saber.

O inconsciente se abre quando a criança *faz de conta*. Ela conduz o jogo, e seus significantes-mestres assim como seus objetos privilegiados se isolam. Formações do inconsciente participam disso, como que por surpresa! O analista sustenta a operação em construção no sonho, no jogo, nas histórias. São lugares onde a criança tenta dizer, para fisgar o impossível de suportar, para cernir o indizível.

«As imagens que dão medo» ocupam muitas vezes um lugar privilegiado nos encontros e nas análises de crianças – e não

apenas de crianças -, que tentam compartilhá-las, através do desenho ou da narrativa imagética. Perguntemo-nos então: quando as imagens que dão medo surgem para o sujeito? Pode acontecer que «o imaginário do sonho ofereça [...] uma figuração patética que se paga com a angústia»³.

Quando o ser falante é confrontado com «a inadequação das palavras às coisas»⁴ precisamente, «a tentativa é imaginar o real»⁵. Esta é a leitura que Jacques-Alain Miller nos dá do último ensino de Lacan, e ele especifica: «Imaginar o real passa por essa estranha materialização que constituem essas figuras, que são figuras de objetos».

Perguntemo-nos também sobre o horror. Qual figura ele toma para cada um?

J.-A. Miller, leitor de Lacan, nos convida a não nos deixar fascinar pelo horror. Na fenomenologia da angústia, o horror pode aparecer como um esplendor fascinante, deslumbrante, ofuscante. O horror designa um abismo patético. Consideremos, em vez disso, o momento de angústia como logicamente necessário e até produtivo⁶.

O monstro seria um objeto fóbico ou um aparelhamento imaginário que permite ao real da angústia, que a criança não pode nomear, de não se manifestar?

O monstro é portador de objetos pulsionais ferozes. Passar pela descrição e pelo desenho permite que o monstro se desinfle; o uso dos significantes e do traço permite uma localização.

«Na teoria analítica, nota J.-A. Miller, Freud situa [...] o **horror como uma defesa do sujeito**»⁷. É uma defesa da qual ele sofre. Mas de que o sujeito se defende? «**Será que o sujeito se defende de uma verdade? de um saber?**» Talvez «**dos impasses do saber, e precisamente do real como impasse do saber?**»

Fiquemos, portanto, atentos em cada caso: a imagem que dá medo será que ela surge no lugar mesmo do que faz impasse para o sujeito? Esta localização do sofrimento seria também uma localização do gozo? Será que a criança procura domar o monstro ou se servir dele para se assustar?

A primeira sequência abrirá estas perguntas: o horror, seus usos e suas funções.

A segunda sequência será dedicada ao pesadelo, e ao que ele fisga.

Em nossa prática, nós nos interessamos pelos sonhos das crianças. Nos relatos dos sonhos das crianças, localizamos o **ponto de inflexão que coincide com o momento de angústia**.

Com Freud, há o que faz sentido. Com Lacan, há também o que faz furo⁸. Quando a criança é cruentamente confrontada com o real, sem interposição de palavras, «todas as palavras estacam e [...] o objeto de angústia⁹» surge.

Trata-se de seguir o fio do que Lacan chama de umbigo do sonho. O umbigo do sonho indica a parte de gozo indizível que é inerente ao sonho e que ganha seu valor máximo no pesadelo que ele, por sua vez, desperta.

Há também casos em que o sonho continua, e tudo é engolido, tal como uma figura da morte onde tudo se acaba.

Lacan indica-nos que, no sonho *princeps* de Freud intitulado sonho da injeção de Irma, há a «aparecimento angustiante de uma imagem que resume o que podemos chamar de revelação do real naquilo ele tem de menos penetrável, do real sem nenhuma mediação possível¹⁰». Ele reconhece no umbigo do sonho, um furo, um impossível de dizer. Aquilo de que se trata «só pode ser formulado de uma maneira deslocada, nunca no bom lugar¹¹».

Não há palavra final. Nenhuma última palavra. Nada que constitua uma resposta ao que quer que seja sobre o sentido do sonho. No sonho de Freud, surge uma fórmula química, a da trimetilamina, hermética, que não quer dizer nada.

Às vezes surge uma imagem que dá medo e que condensa o irrepresentável, conforme ao modo pelo qual uma fórmula química condensa o indizível. Nisso, esta imagem que dá medo poderia ser também um recurso, uma construção da criança, confrontada com o real como impasse do saber?

Agora damos lugar para a conversação clínica.

Tradução : Maria Antunes

Revisão : Cristina Drummond

1 Lacan J., “Considerações sobre a histeria”, *Opção Lacaniana*, n.50. São Paulo: Eólia, 2007, p. 17.

2 Lacan J., “Televisão”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 517.

3 Miller J.-A., *El ultimísmo Lacan*, Buenos Aires: Paidós, 2012.

4 Lacan J, *Le Séminaire, livre XXV, “Le moment de conclure”*, leçon du 17 novembre 1977.

5 Miller J.-A., *El ultimísmo Lacan*, Buenos Aires: Paidós, 2012, p. 193.

6 Cf. Miller J.-A., “Introdução à leitura do Seminário 10 da Angústia de Jacques Lacan”. *Opção Lacaniana*, n. 43. São Paulo: Eólia, 2005, p. 54.

7 Miller J.-A., « Vers un signifiant nouveau », *Comment finissent les analyses*, Paris, Navarin, 2022.

8 Cf. Miller J.-A., « Préface », in Bonnaud H., *L'Inconscient de l'enfant*, Paris, Navarin/Le Champ freudien, 2013, p. 9.

9 Lacan J., *O Seminário, livro II, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, texto estabelecido por J.-A. Miller, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010, p. 209.

10 Ibid.

11 Lacan J., “O umbigo do sonho é um furo. Resposta a uma pergunta de Marcel Ritter”, *Opção Lacaniana*, n. 82, São Paulo: Eólia, abril 2020, p. 18-19.